

Universidade, sociedade e urbano: espacialização e significação da instituição dentro do contexto urbano

RESUMO

Pretende-se, por meio deste artigo, refletir acerca da história da universidade ocidental, seus principais modelos institucionais e a espacialização destes juntamente a diversos contextos urbanos. Mediante pesquisa bibliográfica e análises de localização e implantação, conjectura-se sobre a importância da ligação entre a instituição de ensino e a própria sociedade, destacando a relevância do sentimento de pertencimento por parte da comunidade e seu significado juntamente ao meio urbano. As análises de implantação e localização são delimitadas pelos três principais modelos de universidade (alemão, francês e norte-americano), destacando-se um exemplo de cada modelo para análise. Quando do modelo francês, foram apresentados dois exemplos devido à sua proximidade. Desta forma, o artigo visa destacar a importância, não apenas de modelos e metodologias, ou da trajetória histórica da instituição, mas da relação entre espacialização e significado da universidade dentro das sociedades atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. História das Universidades. Universidade. Modelos de Universidades.

Izabel Cristina Wagner

contato.izabelwagner@gmail.com

Centro Universitário Internacional -
Curitiba, Paraná, Brasil.

Mario Sérgio Cunha Alencastro

mario.a@uninter.com

Centro Universitário Internacional -
Curitiba, Paraná, Brasil.

INTRODUÇÃO

A universidade ocidental, cujos modelos evoluem e estendem-se na atualidade, data do período histórico conhecido por Idade Média. Em suas transformações a instituição desenvolve a capacidade de acompanhar as mudanças de pensamento e cosmovisão, da mesma forma com que evolui e modifica-se perante às transformações observadas pela sociedade de cada época.

O advento da Revolução Industrial propicia alterações no campo e racionalidade científica que, por sua vez, modificam a forma com que se compreende o acesso e a própria construção do conhecimento. Neste contexto, a universidade altera sua essência na busca por adequar-se aos padrões, racionalidade e tendências de um período em desenvolvimento e uma sociedade em transformação. O caminho trilhado pela instituição desde seu nascimento, a relação estabelecida com a sociedade e contexto de cada período histórico, assim como os desafios enfrentados, culminam no estabelecimento dos três principais modelos de universidade observados nos dias atuais.

Reconhecendo seu valor sócio cultural, o presente artigo visa traçar uma perspectiva histórica da universidade ocidental, desde sua criação, até o surgimento dos três principais modelos de universidade, ressaltando o significado da instituição juntamente a sociedade, além da inter-relação entre espacialização e contexto urbano.

Tendo como ponto de partida o período histórico da Idade Média, destacam-se as mudanças ocorridas no cerne da universidade ocidental juntamente as transformações da sociedade de cada período. Uma vez que a instituição não deve ser compreendida por meio de visão desconexa da sociedade em que se insere, pretende-se ressaltar a significação desta perante a comunidade, demonstrando a relação existente entre modelo, espacialização e integração com o meio urbano. Através dos avanços no campo científico e social, bem como, da trajetória e transformações da própria instituição, discute-se o papel da universidade em cada período, os processos que a estabeleceram e vieram a possibilitar a construção dos principais modelos observados na atualidade.

O texto espera, portanto, refletir não apenas sobre a trajetória histórica da instituição, ou características e peculiaridades dos principais modelos de universidade, mas sim, explorar as ligações entre espacialização, meio urbano e sociedade. Partindo destas análises pretende-se demonstrar a importância da ligação entre espaço físico e sociedade, e como esta relação reflete a forma como a comunidade compreende e atribui significado para a instituição.

METODOLOGIA

Para desenvolvimento do presente texto empregou-se a pesquisa bibliográfica, uma vez que, quando da análise e delineamento do percurso histórico da universidade, torna-se necessário o acesso a considerações de textos clássicos ligados ao tema, bem como, o parecer de autores cuja investigação da trajetória da instituição e suas inter-relações com a sociedade, veio a auxiliar na produção e reflexão acerca das realidades abordadas ao longo do artigo.

Neste contexto, Oliveira (2014) reconhece que os estudos exploratórios utilizados no processo de pesquisa, tomam como ponto de partida a pesquisa

bibliográfica, apresentando ao pesquisador o benefício de acesso e estudo direto junto a fontes científicas. Assim, a pesquisa realizada trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória, onde buscou-se apresentar a trajetória dos modelos de universidade, juntamente às reflexões de seus autores, interligando a visão e significado da universidade dentro do contexto urbano.

Uma vez explorado o contexto que permitiu o surgimento e desenvolvimento da universidade, assim como, sua evolução juntamente as mudanças sofridas pela sociedade, insere-se na análise e reflexão acerca dos principais modelos de universidade, sua espacialização, significação e relação com o contexto urbano, assim, destacam-se exemplos de instituições que representam o modelo alemão, francês e norte-americano. A escolha e análise destes modelos baseia-se na classificação de Charle e Verger (1996), cuja obra discute o percurso histórico e modelos de universidade.

Visando compreender o significado da instituição juntamente a sociedade em que se insere, além da relação que sua edificação estabelece com o espaço urbano, foram realizadas análises da implantação atual dos edifícios, compreendendo os três modelos de universidade destacados neste texto. A análise de implantação de um edifício, ou projeto arquitetônico, é uma prática proveniente dos estudos em Arquitetura e Urbanismo que visa compreender a maneira com que a edificação se conecta ao entorno, ao desenho urbano, demonstrando, também, como se apresenta ao usuário e membros da comunidade, possibilitando a percepção do significado desta juntamente a sociedade.

Para efetivação das análises faz-se necessário que o pesquisador tenha em mãos uma planta de implantação, vista aérea ou imagem produzida por satélite que demonstre a localização do edifício e sua ligação com o desenho urbano. Em seguida, deve-se delimitar os aspectos a serem observados quando da análise de implantação, assim, em meio às análises aqui apresentadas, são levados em consideração: a localização do edifício no contexto da cidade, possibilitando a compressão de sua relevância para a comunidade, bem como a facilidade de acesso; presença de edifícios históricos nas proximidades da instituição, ressaltando a conexão da universidade com o percurso histórico da cidade; existência de parques, praças ou áreas de lazer, elementos que ressaltam a inserção da instituição a vida da comunidade; o fluxo das vias de acesso ao edifício da universidade, permitindo a análise do acesso e relação cidade e edifício; a presença, ou não, de cercas e muros, o que possibilita a análise da forma como o edifício, e, portanto, a própria universidade, insere a sociedade em sua essência, ou desliga-se do contexto que lhe deu origem.

Analisando os aspectos mencionados, percebe-se o modo como o edifício cria ligações e inter-relações ao desenho urbano, permitindo a compreensão de sua espacialização, e, principalmente, do significado que estabelece juntamente a cidade e sociedade em que está inserido.

UNIVERSIDADE, SOCIEDADE E URBANO

A universidade ocidental desenvolve-se a partir de experiências e empreendimentos iniciados no período histórico conhecido por Idade Média. Para compreender, porém, a forma como a modernidade moldou essa instituição, produzindo, através de sua evolução juntamente a sociedade, os três principais modelos destacados ao longo deste artigo, faz-se necessário reconhecer sua trajetória histórica, as ligações estabelecidas com a sociedade além dos ideais que a solidificaram. Por meio de análise do contexto da sociedade medieval reconhecemos o surgimento da instituição que, hoje, compreendemos por universidade.

A universidade medieval nasce e se institucionaliza a partir do século XII, apoiada, segundo Trindade (1999), no trabalho de copistas e tradutores, principais responsáveis pela preservação dos mais diversos escritos da era greco-romana. Estes escritos, por sua vez, auxiliaram na formação de clérigos e magistrados, formados e apoiados pela Igreja Católica. Com relação a seu contexto inicial, Ortega (1999) ressalta o fato de que a universidade medieval pouco estava ligada à pesquisa, mas sim, voltada para a cultura, uma vez que era responsável pela formação de pequena parcela da população.

A sociedade medieval, para além do domínio estabelecido pela Igreja Católica, presta contas à autoridade da coroa. O mesmo é observado na constituição das novas universidades. Trindade (1999) observa ainda que, a universidade medieval baseia-se em três elementos básicos: à formação teológico-jurídica; corporativismo e preservação de autonomia frente ao poder político da Igreja. Assim, no período histórico em questão, a universidade destaca-se pelo corporativismo, autonomia e liberdade acadêmica.

O modelo estabelecido pela universidade medieval conecta-se intimamente aos avanços da sociedade europeia, sofrendo mudanças juntamente a sociedade em transformação. Em sua trajetória, porém, a universidade abandona a cultura como elemento de importância para seus princípios e ações, esta que “era o sistema de ideias sobre o mundo e a humanidade que o homem de então possuía. Era, pois, o repertório de convicções que havia de nortear efetivamente sua existência.” (ORTEGA, 1999, p. 61).

O fim da Idade Média proporciona uma nova fase para a sociedade europeia, conseqüentemente, implica mudanças no modelo vigente de universidade. O Renascimento, cujo epicentro ocorre em território italiano, influencia fortemente o contexto histórico e social do período. O homem europeu altera os prismas pelos quais observa e compreende o mundo, livrando-se da visão estabelecida pela Igreja. As mudanças observadas na sociedade italiana, bem como, o “desenvolvimento das universidades de Florença, Roma e Nápoles e da Academia da Neoplatônica serão centrais para o fim da hegemonia teológica e do advento do humanismo antropocêntrico.” (TRINDADE, 1999, p. 13). Onde antes reinava a visão teológica, agora observamos o homem utilizando a ciência, a razão, seu próprio intelecto para resolver os enigmas do universo. Neste contexto, Trindade (1999) destaca que o impacto destas mudanças, bem como, o estabelecimento da ciência, modificará profundamente o modelo de universidade vigente.

A sociedade europeia do início do século XVII, estendendo-se até o século XVIII, é marcada por descobertas científicas presentes nos mais diversos campos do conhecimento. Para além dos avanços científicos, o período histórico é

caracterizado, também, pela valorização da razão e do espírito crítico; maior liberdade e tolerância religiosas, além do início da revolução industrial inglesa.

Analisando o contexto da sociedade europeia e a própria posição da ciência, observa-se que este modelo de racionalidade que “preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais.” (SOUZA SANTOS, 1997, p. 48). O autor destaca ainda que, no século XVIII, o espírito científico é ampliado e aprofundado, resultando daí as condições necessárias para a emergência das ciências sociais no século XIX.

No mesmo período, impulsionado pela forte presença da racionalidade científica, nascem os pensamentos ligados a política econômica e ao liberalismo econômico. Leme (2010) observa o desdobramento das especulações filosóficas; a influência das ciências naturais e o impacto das descobertas da época infiltrando-se em diversos campos do conhecimento humano, refletindo, até mesmo, na visão e produção de teóricos do campo da economia. O autor destaca que o liberalismo econômico, uma vez teorizado e estabelecido no pensamento de economistas e teóricos em geral, extrapola a visão reducionista das sociedades mercantis vigentes na Idade Média, baseadas na tradição de oficinas, mestres e aprendizes. Esta racionalidade propicia, juntamente ao período em que se insere, o surgimento de indústrias e amplo mercado.

A racionalidade vigente garante o surgimento dos primeiros observatórios, jardins botânicos, museus e laboratórios. No mesmo contexto, surgem as primeiras academias científicas. Com a profissionalização das ciências, insere-se também, de acordo com Trindade (1999), a pesquisa científica juntamente a universidade. A introdução das ciências dentro dos muros da universidade irá “alterar irreversivelmente a estrutura da instituição, limitada anteriormente às ciências ensinadas nas faculdades de medicina e artes sob a denominação de “filosofia natural”. ” (TRINDADE, 1999, p. 15).

Observando, mesmo que brevemente, a trajetória da universidade ocidental, obtém-se uma visão dos caminhos trilhados, culminando nos três principais modelos de universidade destacados neste artigo. Analisando, porém, o trajeto exposto, Ortega (1999) destaca o fato de que, comparada à universidade medieval, a universidade moderna complica o ensino profissional, levantando ainda que, uma vez acrescentada a pesquisa, retira quase por completo a transmissão da cultura.

MODERNIDADE E OS TRÊS PRINCIPAIS MODELOS DE UNIVERSIDADE

O caminho trilhado pela universidade ocidental conduz à racionalidade vigente no período da modernidade, a qual, de modo geral, predomina até a contemporaneidade. O conhecimento volta-se para um modelo hegemônico em que o mundo é compreendido de maneira mecânica e racionalmente quantificável. A racionalidade moderna, baseada no olhar científico, na necessidade de analisar, definir e categorizar, ordena a realidade; estabelece regras; transforma a ciência em elemento neutro. Como bem destaca Pereira (2014), o maior interesse da ciência na era moderna estabelece-se na crença da capacidade humana em entender e modificar o mundo.

Por meio de seu desenvolvimento, a ciência instituiu-se como redentora da humanidade, modificando nosso pensar e atribuindo maior relevância aos campos racionais, matemáticos, naturais. Ela “naturalizou a explicação do real, a ponto de não o podermos conceber senão nos termos por ela propostos.” (SOUZA SANTOS, 1997, p. 68). É neste contexto, na inegável força do pensamento científico, que a universidade moderna se constitui.

Partindo do século XVII, a trajetória única, até então trilhada pela instituição, diverge-se em novos caminhos, confundindo-se, como destaca Trindade (1999), entre as relações da própria instituição, ciência e Estado. O autor levanta ainda a questão do direcionamento da universidade para sua nacionalização – como é observado nos casos da França e Alemanha – culminando na abolição do monopólio corporativo de professores. Datando do início do século XIX, a universidade moderna introduz novas relações entre Estado, sociedade e meio urbano, produzindo novos significados perante a comunidade graças a relação estabelecida entre os modelos institucionais, espacialização e inter-relação com o urbano.

Conhecendo a evolução da instituição, Pereira (2009) menciona que o projeto de universidade moderna se estrutura de maneira a diferenciar-se de tudo o que fora institucionalizado até então. Neves (2012) complementa afirmando que a universidade moderna irá influenciar toda a rede de universidades ocidental.

A universidade alemã, francesa e mais tarde, norte-americana, ditam a forma como, atualmente, compreendemos a instituição, assim, pretende-se explorar as características dos três modelos de universidade, e reconhecer através de exemplos, as formas como estão conectados ao meio urbano, demonstrando como a sociedade pode vir a enxergar e se utilizar destas instituições seculares.

UNIVERSIDADE ALEMÃ

A universidade alemã, compreendida como modelo de universidade a partir do início do século XIX, enfrenta mudanças desde o período de sua institucionalização. Pereira (2014) ressalta que a universidade moderna é reconhecida somente quando da fundação da Universidade de Berlim, no ano de 1809. A estagnação observada no início do século, e nos primeiros anos da fundação da instituição, começa a produzir sinais de mudanças a partir de 1825, quando a população universitária cresce consideravelmente. Charle e Verger (1996), em seu livro *A História das Universidades*, destacam que a corrente neo-humanista, desenvolvida por Humboldt, Fichte e Schleiermacher, é a principal responsável por garantir a evolução da universidade alemã.

A corrente de Humboldt, inserida na essência do que viria a ser caracterizado como modelo de universidade alemão, baseia-se no ideal de liberdade. Assim, a universidade deveria caracterizar-se como o espaço em que a liberdade de aprender, ensinar e pesquisar seria fortemente apoiada. Pereira (2009) observa que o modelo defendido por Humboldt também está interligado a formação por meio de pesquisa; criação de um modelo interdisciplinar de ensino; liberdade e autonomia da administração, ao mesmo tempo em que desenvolve ações integradas entre Estado e Universidade. Pereira (2014) relaciona ainda o fato de que, é somente a partir da universidade de Berlim, que a pesquisa efetivamente se insere nos muros da universidade.

Apesar de seus princípios fundadores, Charle e Verger (1996) destacam que o poder e autonomia dos funcionários da instituição era estritamente limitado, demonstrando que, apesar de possuir um projeto inicial claro, a forma como se materializa e concretiza foge dos anseios originais de seus idealizadores.

Destacadas as características do modelo de universidade alemão, volta-se o olhar para a espacialização da instituição, sua relação com o meio urbano e significação perante a comunidade. Considerando sua evolução e transformação, destaca-se que, muito mais do que conhecer o modelo institucional, deve-se observar, conhecer e analisar a ligação que esta estabelece com a cidade viva e pulsante que cresce ao seu redor. Assim, analisamos a presença da universidade alemã em seu contexto atual.

Neves (2012) destaca que, somente a partir da universidade moderna, a instituição será delimitada e compreendida por um território próprio, estando concentrada em determinado ponto do meio urbano ou dispersa sobre ele. O autor menciona ainda que, no contexto da Universidade de Berlim, mesmo possuindo território demarcado, um terreno específico em que desenvolve suas atividades, esta possui edifícios dispersos ao longo do perímetro urbano, ampliando o alcance da instituição no contexto da sociedade em que se insere.

Considerando sua posição, juntamente ao perímetro urbano, a Universidade Humboldt de Berlim destaca-se pela localização privilegiada, uma vez que se encontra no centro da cidade e apresenta fácil acesso a edifícios históricos, bem como, demais edificações pertencentes a instituição. A análise do entorno destaca a íntima relação entre a Universidade Humboldt de Berlim e o contexto de evolução da cidade, ressaltando que, embora sua configuração sofra alterações ao longo dos anos, mantiveram-se intactos os edifícios históricos em seu desenho urbano, demonstrando a importância do passado para o presente da cidade.

A sede da instituição é compreendida por uma edificação histórica, mantida desde o período de sua construção. Trata-se de um exemplo de apropriação e proteção da história do edifício, de seu significado para a trajetória da instituição e integração deste as atividades desenvolvidas na atualidade. Uma vez que se mantém o edifício original, não apenas a história da universidade, mas uma parcela da trajetória da cidade é resguardada, permanecendo viva no imaginário, cultura e cotidiano daquela sociedade. A universidade, como destacado pela Figura 1, tem sua fachada principal direcionada para uma avenida de grande fluxo de veículos, permitindo o acesso e direcionamento para o edifício por diversos meios de locomoção. A análise de implantação do edifício permite a percepção de que, embora a configuração da cidade tenha-se alterado, tendo suas vias redirecionadas e reformadas e seu desenho urbano transformado para atender as necessidades de cada período histórico, as edificações históricas, como é o caso da Universidade Humboldt de Berlim, foram preservadas.

Por localizar-se no centro da cidade de Berlim, a instituição apresenta proximidade com diversos edifícios históricos e museus, destacando sua relação com a cultura, história e comunidade local, e, ressaltando ainda, o valor atribuído pela sociedade para com elementos vivos de sua trajetória. Dentre os edifícios históricos próximos a Universidade Humboldt de Berlim, destaca-se o Domo de Berlim, catedral construída em meados de 1890, em estilo barroco, de grande importância para a arquitetura histórica da cidade.

Figura 1. Universidade Humboldt de Berlim

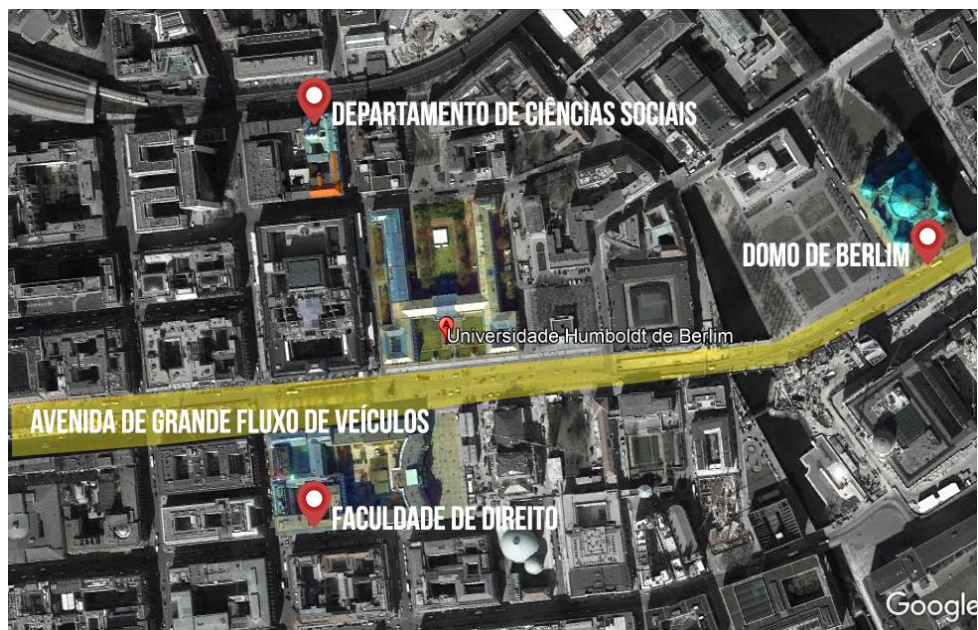


Imagem editada pela autora, com base em imagem disponível pelo Google Earth. Fonte: Infoterra Ltd e Bluesky (2016)

Considerando a espacialização do projeto arquitetônico, a forma como o edifício interliga-se ao meio urbano, a análise da Universidade Humboldt de Berlim ressalta a existência de uma cerca delimitando o terreno, o território da universidade no contexto da cidade. A utilização de cercas, elementos arquitetônicos que delimitam o espaço e possibilitam a visualização do edifício, muito mais do que destacar o território pertencente à instituição, apresenta-se como estratégia capaz de filtrar o acesso de usuários, visitantes, ou mesmo, potenciais usuários do local. No exemplo analisado, a existência de cercamento estabelece o equilíbrio entre entrada e saída de usuários, permitindo que pedestres visualizem detalhes da edificação, porém, este mesmo elemento arquitetônico pode caracterizar-se pelo distanciamento da instituição perante a sociedade. Sabe-se, dentro do campo de Arquitetura e Urbanismo, que cercas e muros, sempre considerando o projeto em que estão empregados, possibilitam o distanciamento da edificação, a criação de um sentimento de não pertencimento ao local, uma vez que este, em sua forma física, distancia-se da realidade, da comunidade em que está inserido. Desta forma, ao analisar o emprego destes elementos arquitetônicos, deve-se levar em consideração o edifício como um todo, bem como, o contexto em que se encontra, para, então, desenvolver-se uma análise correta do edifício em questão.

Outro aspecto a ser levado em consideração, quando da análise da relação entre edifício e meio urbano, que, integrada aos demais aspectos considerados, possibilita a compreensão do significado estabelecido entre sociedade e edificação, é a existência de áreas verdes, praças, parques ou espaços de lazer no entorno do local. Como ressaltado por meio da Figura 2, para além dos espaços de lazer e descanso encontrados no próprio projeto da Universidade Humboldt de Berlim, seu entorno conta com diversas praças e áreas verdes, integrando o edifício ao entorno e possibilitando a inserção de seus usuários ao meio urbano. Áreas verdes, praças ou parques, muito mais do que espaços destinados ao lazer e

descanso, destacam-se pela alta capacidade de integração entre comunidade e universidade, entre meio urbano e edifício, unindo universos e construindo e transformando a sociedade.

Ao longo do processo de análise e pesquisa, percebeu-se a apropriação, por parte da comunidade, das áreas verdes e praças localizadas nas proximidades da instituição. A utilização destes espaços para lazer, descanso ou estudo, demonstra a relevância destes espaços para a população, destacando a conexão entre cada elemento ao contexto e cotidiano da cidade.

Figura 2. Ligações entre Urbano e Universidade



Imagem editada pela autora, com base em imagem disponível pelo Google Earth. Fonte: Infoterra Ltd e Bluesky (2016)

A Universidade Humboldt de Berlim destaca-se pela posição privilegiada juntamente ao centro da cidade. Sua edificação é caracterizada pela presença de elementos convidativos, integrando, não apenas seus usuários, mas visitantes e a própria comunidade ao espaço. Por delimitar seu território por meio de cercas, equilibrando o acesso de usuários e visitantes, a instituição também se distancia do contexto em que se encontra, estabelecendo conexões na medida em que a sociedade se apropria de seu espaço, porém, distanciando-se por meio da delimitação clara de seu território. Ao refletirmos acerca da ligação essencial entre universidade e sociedade, concluímos que a Universidade Humboldt de Berlim, integra-se ao mesmo tempo em que estabelece uma distância segura da comunidade, abre-se da mesma forma em que limita seu acesso, conectando-se de maneira equilibrada. Sua força e significado estão ligados ao valor histórico da instituição, à trajetória que lhe deu origem, vinda a conjeturar acerca da atualidade e passado, na mesma medida em que pensa sobre o futuro.

UNIVERSIDADE FRANCESA

O estabelecimento do modelo de universidade francês tem início a partir da Era Napoleônica, vindo a ser compreendido, também, por modelo de universidade napoleônico.

Uma vez que a revolução francesa chega ao fim, “a universidade napoleônica rompe com a tradição das universidades medievais e renascentistas e organiza-se, pela primeira vez, subordinada a um Estado Nacional.” (TRINDADE, 1999, p. 16). A reconstrução do ensino superior francês, para Charle e Verger (1996), baseia-se em três objetivos principais: garantir, não apenas para a sociedade da época, mas também ao Estado, estabilidade; controlar a formação acadêmica e profissional com base na nova ordem social, além de impedir a criação de novos modelos de corporações profissionais. Considerando o foco com que se estrutura o ensino superior francês, Charle e Verger (1996) ressaltam que o processo de formação proporcionado pela universidade francesa se direciona à um modelo de formação profissional, distanciando a pesquisa de sua essência e visando preparar o indivíduo para o mercado de trabalho, formando profissionais para diversas áreas e necessidades da nação.

Segundo Neves (2012), a universidade napoleônica se constitui a partir do princípio da unidade. Ao longo de seu processo de consolidação, porém, percebe-se a mentalidade com que foi construída, onde se preza pela uniformidade de pensamento dos estudantes, restringindo o surgimento de novas ideias, bem como, o desejo por mudança. A forte influência dessa mentalidade é claramente percebida quando Charle e Verger (1996) destacam para que fins estavam destinados os investimentos da educação superior, uma vez que, cursos como Direito e Letras, recebiam mais investimentos quando comparados aos destinados para espaços ou ações de pesquisa em campos científicos.

Assim como observado ao longo da análise da espacialização da Universidade Humboldt de Berlim, os exemplos apresentados, quando do contexto da universidade francesa, estão localizados em meio ao centro histórico da cidade de Paris. Devido seu valor histórico, bem como, a resistência aos processos de embelezamento e reformas desenvolvidas no centro da cidade ao longo de sua trajetória, a Universidade Sorbonne e o Collège de France mantêm-se interligados ao desenho urbano, às vias, à história da cidade. Por estarem localizadas no centro histórico de Paris, as instituições possuem proximidade com edifícios, parques e elementos de extrema importância para a construção da cultura, significado e trajetória da sociedade, representando seu passado, sua era de ouro, os eventos que lhe direcionaram até a contemporaneidade. Como destacado por meio da Figura 3, a Universidade Sorbonne e o Collège de France localizam-se próximos ao Panteon e os Jardins de Luxemburgo, destacando sua localização privilegiada e conexão histórica.

Diferentemente dos desenhos urbanos planejados, geométricos e racionais, o traçado da cidade de Paris, ainda que tenha sofrido reformas e alterações para embelezamento, resultando, a título de exemplo, nos famosos bulevares, foi capaz de manter o aspecto diferenciado de uma cidade de origem medieval através de quebras ao longo da trajetória das vias. O desenho urbano do centro histórico de Paris é caracterizado pela constante alteração de sentido das vias, pela organicidade com que as quadras são construídas, e ainda, a forma como avenidas importantes estão ligadas a marcos da cidade. Desta forma, por meio da análise do desenho urbano e sua inter-relação com as edificações históricas das instituições de ensino aqui destacadas, compreende-se que os edifícios da Universidade Sorbonne e do Collège de France estão intimamente conectados ao entorno, porém, apresentam as limitações referentes a capacidade de fluxo das

vias, uma vez que muitas não comportam grande fluxo de veículos. O mesmo se observa nos espaços de circulação de pedestres.

Figura 3. Universidade Sorbonne e Colégio da França



Imagem editada pela autora, com base em imagem disponível pelo Google Earth. Fonte: Infoterra Ltd e Bluesky (2016)

Quando da análise de implantação, da constituição física do edifício e estratégias empregadas para restringir ou ampliar as conexões com a sociedade, percebe-se que, embora no contexto histórico e da própria configuração do desenho urbano, os edifícios caracterizem-se pela forte ligação com a cidade, no plano do indivíduo, do usuário, as instituições de ensino delimitam fortemente seu espaço. O projeto arquitetônico destes edifícios, ao contrário do que foi destacado ao longo da análise da Universidade Humboldt de Berlim, fecham-se em si mesmos, distanciam-se da comunidade, do indivíduo, da sociedade em que se inserem, ressaltando, ainda, a racionalidade opressora da época de sua construção.

Aqui notamos, uma vez mais, a existência de cercas delimitando o território pertencente a instituição, porém, o principal elemento de análise de espacialização relaciona-se a uma característica intrínseca ao projeto dos edifícios, permitindo a compreensão de sua forma física, elementos arquitetônicos, bem como, os objetivos por trás de sua construção, uma vez que estes delimitam o território por meio de sua própria constituição, impedindo o acesso e a visibilidade por meio de sua própria fachada, voltando-se para seu interior. Conhecendo os princípios norteadores da universidade napoleônica, percebe-se claramente as intenções de projeto por trás da construção destas edificações. Relacionando o projeto à característica de um ambiente fechado em si mesmo, bem como, a própria presença de cercas e muros, compreende-se que “a disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo.” (FOUCAULT, 1987, p. 130). Nos exemplos apresentados, melhor exemplificados na Figura 4, a própria edificação, as faces voltadas para o espaço público, são também os elementos que definem seu território, seu espaço físico no contexto da cidade. Onde o próprio edifício não delimita o acesso e visibilidade, encontramos a cerca, o muro distanciando a instituição de seu contexto, quase

fechando-a em si mesma, reduzindo o sentimento de pertencimento, a criação de significado da instituição perante a sociedade.

Em frente ao Collège de France e a Universidade Sorbonne, como observa-se na Figura 4, localizam-se pequenas praças com ligação direta aos edifícios. Quando do processo de análise e pesquisa, observou-se que, apesar de serem utilizadas pela população como meio de circulação, lazer ou descanso, estes espaços não se classificam como elementos capazes de interligar as instituições com a sociedade em que se inserem.

Figura 4. Ligações entre Urbano e Universidade

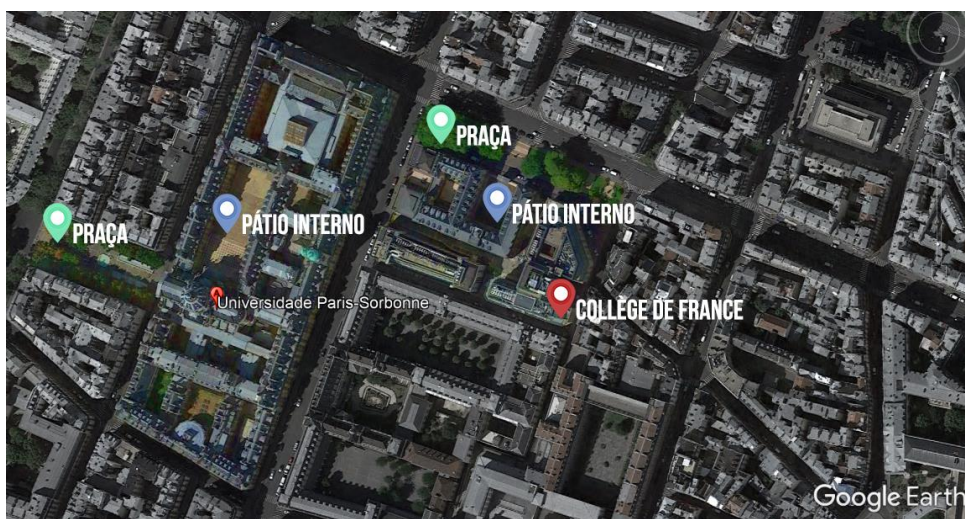


Imagem editada pela autora, com base em imagem disponível pelo Google Earth. Fonte: Infoterra Ltd e Bluesky (2016)

Considerando os elementos arquitetônicos, bem como, a relação entre edificação e desenho urbano da Universidade Sorbonne e do Collège de France, é possível concluir que, embora intimamente ligadas a história da cidade, representando o passado e as bases que lhe deram origem, estas edificações afastam o indivíduo, a vida, o cotidiano da comunidade, distanciando-se da criação de um significado perante aqueles que verdadeiramente lhe dão vida. Como destaca Foucault (1987), determinados espaços, como nos casos apresentados, as áreas verdes ou os próprios pátios internos, extrapolam sua função e utilidade, estendendo-se para a possibilidade de vigilância que proporcionam. Nos dois exemplos citados, observa-se uma ligação parcial com o contexto da cidade, expressando a racionalidade das origens da instituição.

UNIVERSIDADE NORTE-AMERICANA

No ano em que os Estados Unidos declaram independência, em 1776, o país contava com um total de dez instituições de ensino superior, implantadas, entretanto, na região nordeste do território. Uma vez declarada a independência, voltam-se grande parte de seus recursos para a criação e construção de novas instituições de ensino superior, desta vez, porém, localizadas nos mais diversos pontos do território.

Apesar de destacar-se pelas peculiaridades e características originais, este modelo de universidade está intimamente ligado a universidade inglesa. Charle e Verger (1996) ressaltam que a universidade norte-americana se baseia na predominância dos colleges residenciais, além de proporcionar uma primeira formação fundamentada no ensino geral, e, somente após o término desta etapa, são apresentadas opções para especialização e direcionamento para os caminhos profissionais do discente. Ao longo de sua evolução, a universidade norte-americana também sofre influência do modelo alemão, buscando uma modernização constante e inserindo a pesquisa científica na essência de sua constituição.

A universidade americana sustenta grande parte de suas ações na pesquisa científica, na busca da verdade através da forte presença do meio prático ao longo dos estudos e investigações realizadas. Nesse sentido o “conhecimento não se esgotaria em si mesmo, mas deveria desembocar na ação e na vontade de progresso.” (NEVES, 2012, pág. 5). Neste contexto, o autor observa que o modelo americano apresenta como objetivo principal, a criação de oportunidades para maior aproveitamento administrativo das instituições, ao mesmo tempo em que possibilita maior flexibilização e utilização do espaço físico da universidade. A forte presença e implantação destes objetivos é refletida na espacialização e inter-relação entre instituição e sociedade, uma vez que, nos mais variados exemplos de universidades norte-americanas, percebe-se a apropriação do espaço, do ambiente e território da instituição, pela comunidade.

A Universidade de Michigan, localizada na área central da cidade de Ann Arbor, caracteriza-se, quando comparada aos exemplos anteriores, como o exemplo que melhor se insere no contexto urbano e social. Seu campus é aberto e fortemente integrado a cidade. Os edifícios da instituição, como é destacado por meio da Figura 5, estão dispersos, porém, claramente conectados ao desenho urbano, ampliando os domínios da instituição e interligando sua presença ao cotidiano da comunidade.

As vias seguem seu fluxo e desenho original, contornando algumas das faces do terreno da universidade, destacando, porém, sua íntima ligação com o desenvolvimento do tecido urbano, além de evoluir juntamente à cidade. Considerando cada exemplo aqui apresentado, compreendemos que, dentre os três modelos, aquele cuja sociedade realmente conecta-se ao espaço físico, além de usufruir de outros elementos ofertados pela instituição, é o modelo norte-americano.

Figura 5. Universidade de Michigan

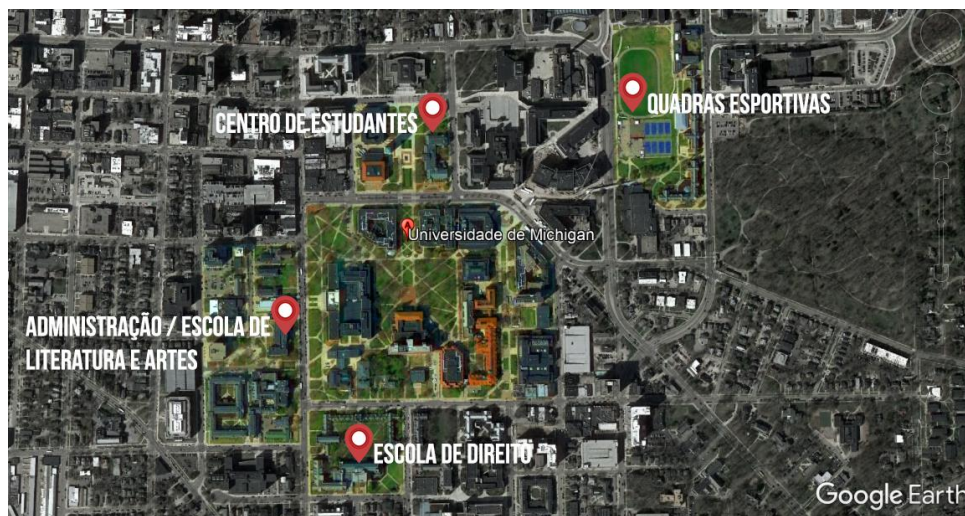


Imagem editada pela autora, com base em imagem disponível pelo Google Earth. Fonte: Infoterra Ltd e Bluesky (2016)

A Universidade de Michigan está localizada na região central da cidade de Ann Arbor, inserindo-se harmonicamente ao desenho urbano. Seu entorno é marcado pela grande quantidade de vias de fluxo intenso e moderado de veículos, como observa-se na Figura 6, destacando a facilidade de acesso por meio de diversos meios de locomoção, bem como, a possibilidade de acesso de pedestres, uma vez que seu projeto não lança mão da construção de muros ou cercas, como observado nos exemplos anteriores. O crescimento da cidade não é reconhecido como elemento responsável por segregar a universidade, esta mantém-se conectada para além do traçado urbano, uma vez que possibilita o acesso aos mais diversos membros da comunidade, não delimita seu território por meio de cercamento e, localiza suas edificações no próprio desenho urbano.

Ao abrir-se e inserir seus edifícios em meio ao espaço urbano, a Universidade de Michigan permite a criação de significado juntamente a sociedade. Uma vez que, são apresentadas aos habitantes da cidade a possibilidade de cruzar os espaços da instituição, usufruir de suas áreas verdes, desenvolver atividades que vão além da pesquisa científica ou formação profissional, a universidade atinge um nível de relevância para o desenvolvimento e compreensão da sociedade, que extrapola a pesquisa e ensino superior, mas interliga-se a cultura e a vida dos indivíduos. No exemplo norte-americano, o acesso e circulação classificam-se como o mais livre dentre os modelos analisados. A existência de áreas verdes, conectadas ou não aos edifícios da instituição, como, a presença de quadras esportivas, demarcadas na Figura 6, demonstram a forte integração da cidade com a universidade.

Figura 6. Ligação entre Urbano e Universidade

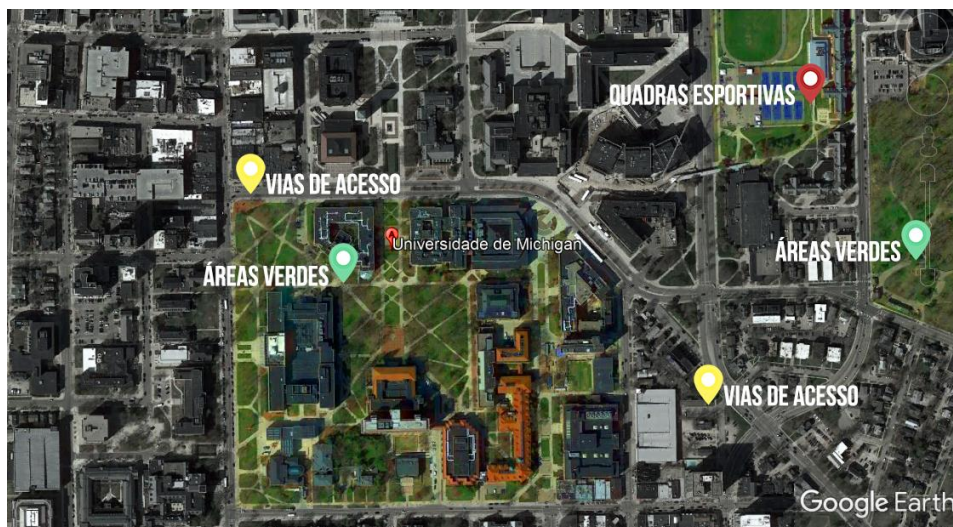


Imagem editada pela autora, com base em imagem disponível pelo Google Earth. Fonte: Infoterra Ltd e Bluesky (2016)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade evolui juntamente ao contexto histórico e social de cada período. Reconhece-se que, por meio de suas transformações, a instituição trilha caminhos intimamente ligados as necessidades, anseios e projetos de sociedades distintas, na mesma medida, através de ideais e mudanças, da mudança na forma como o ser humano compreende o mundo, a instituição integra novos campos do conhecimento em sua essência. Muito mais do que padrões a serem seguidos, os principais modelos de universidade demonstram as ligações estabelecidas entre sociedade e instituição de ensino, destaca os significados construídos, a inter-relação entre edifício, meio urbano e sociedade.

Apesar de sua trajetória, das transformações que sofreu e dos desafios que enfrenta na atualidade, devemos pensar a universidade por sua complexidade, pelas ligações e significados que possui para com a sociedade, e não apenas por seus modelos estabelecidos. Esquece-se da importância social da universidade, da força que possui quando se conecta ao meio urbano. Muito mais do que propagar o conhecimento ou garantir o caminho profissional, a instituição é também construtora da nação, elemento relevante para sua trajetória, para seu desenvolvimento.

Para além de modelos, da forma como a instituição se interliga a realidade de cada época, a universidade deve construir significado juntamente a sociedade em que se insere. É preciso, uma vez mais, permitir a universidade adentrar na divulgação, expansão e essência da cultura de uma comunidade, adentrar a vida, o cotidiano dos indivíduos. Compreendendo que a educação, o acesso ao conhecimento, possibilitam a transformação de realidades, de contextos, torna-se necessário permitir a construção de significado, a apropriação da população dos espaços, limites da instituição, pois, uma vez desconexa do contexto que lhe dá origem, perdem-se oportunidades de construir uma sociedade mais justa, igualitária, cuja visão e conhecimento é debatido de forma livre, dentro e fora dos domínios da universidade.

Assim, ressaltamos a importância da espacialização, da relação entre edifício e meio urbano para criação de significado e relevância da universidade perante a sociedade, percepção que ainda não foi capaz de difundir-se, resultando nos mais diversos exemplos de instituições que estão voltadas para si mesmas, acreditando que o conhecimento que inserem em seus domínios, não pode ser compreendido pela sociedade.

University, society and urban environment: space and significance of the institution within the urban context

ABSTRACT

This article intend to reflect on the history of university, its main models and the connection between them and the urban environment. Through bibliographic research and analysis of the location and implantation of buildings of universities, the text reflects about the importance of the link between the institution and society itself, highlighting the relevance of the community's sense of belonging and the meaning it creates with the urban environment. The three main university models (German, French and North American) delimit the analysis of implantation and location, supporting the process of selection for examples of each model and, in the case of the French model, the analysis of two institutions, due to its proximity. The article aims to highlight the importance, not only of models and methodologies, but also of the physical presence and meaning of the university within current societies.

KEYWORDS: Education. History of Universities. University. Models of University.

REFERÊNCIAS

CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. **A história das universidades**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista - Editora Unesp, 1996. 131 p.

FIORI; Luiz José. Estado do bem-estar social: padrões e crises. **Physis: Rev de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 7(2): 129-147, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 280 p.

LEME; Alessandro André. **Neoliberalismo, globalização e reformas do estado: reflexões acerca da temática**. Santa Cruz do Sul, n. 32, jan./jul. 2010.

NEVES, Rafael Rust et al. O paradigma da segregação dos campi universitários no Brasil: distanciamento físico e implicações sociais. **Urbicentros**, Salvador, p.1-21, out. 2012. Disponível em: <<http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST258.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão da universidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

PEREIRA; Elisabete Monteiro de Aguiar. A construção do conhecimento na modernidade e na pós-modernidade: implicações para a universidade. **Revista de Ensino Superior**. Unicamp. n 14, jul-set/2014.

PEREIRA; Elisabete Monteiro de Aguiar. A universidade da modernidade nos tempos atuais. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 1, p. 29-52, mar. 2009.

SOUZA SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. 9.ed. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

TRINDADE, Héglio. **Universidade em ruínas: na república dos professores**. Porto Alegre: Vozes, 1999.

Recebido: 15 fev. 2018.

Aprovado: 22 mai. 2018.

DOI: 10.3895/rts.v14n34.7775

Como citar: WAGNER, I. C.; ALENCASTRO, M. S. C. Universidade, sociedade e urbano: reflexões sobre os modelos de universidade dentro do contexto urbano. **R. Technol. Soc.**, Curitiba, v. 14, n. 34, p. 280-298, out./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/7775>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Izabel Cristina Wagner

-

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

